

juntar documentos, informações e achegas para documentar a evolução cearense, que se sagrou o Mestre Excelso da matéria, acatado e consultado. Quase esgotou essa documentação, organizando coleções riquíssimas e publicando obras que são o mais imprescindível *vademecum* de todos os que se entregam aos estudos e à interpretação da história do Ceará. Por altos serviços prestados à Igreja, conferiu-lhe a Santa Sé o título de Barão (1900). Faleceu em 25 de setembro de 1938. A sua bibliografia é enorme, mas podem ser destacadas como obras principais: *Notas Para a História do Ceará — Segunda Metade do Século XVIII*, 1892; *Datas e Fatos para a História do Ceará* (3 volumes); *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (3 volumes); *Para a História do Jornalismo Cearense*, 1924; *Geografia do Ceará*, 1924. Do Instituto do Ceará foi presidente perpétuo e sócio Grande-Benemérito. A sua bibliografia, talvez completa, está levantada pelo acadêmico Raimundo Girão, na publicação *Barão de Studart (1º Centenário de Nascimento)*. Fortaleza, Editora A. Batista Fontenele, 1956.

3

Raimundo de FARIAS BRITO. Na cidade serrana de São Benedito é que nasceu, em 24 de julho de 1863, e teve como genitores Marcolino José de Brito e Eugênia Alves de Farias. Fez os primeiros estudos em Sobral e as humanidades no Liceu do Ceará. Bacharel em 1884, pela Faculdade de Direito do Recife. Foi Promotor Público de Viçosa e por duas vezes serviu como Secretário do Governo. Professor de Grego no citado Liceu, cadeira que permutou com a de História, mas durante pouco tempo a regeu, pois em 1899 resolveu ir morar em Belém do Pará. Nessa cidade montou escritório de advogado e lecionou Lógica no respectivo Liceu e Filosofia na Faculdade Livre de Direito. Transferindo-se para o Rio de Janeiro (1909), submeteu-se ali a famoso concurso para a cátedra de Filosofia, do Colégio Pedro II, avantajando-se brilhantemente aos seus competidores, entre estes Euclides da Cunha que, entretanto, foi o nomeado. Somente após a morte do

autor de *Os Sertões* pôde efetivar-se no cargo, de que havia sido injustamente preterido. É um dos Patronos desta Academia. O nome de Farias Brito acabou por alçar-se às culmínias da Cultura nacional, apontado como o maior dos filósofos brasileiros. Marca a sua obra filosófica, de fato, um destacado e preciso divisor, sendo hoje aceito localizar os estudos da Filosofia no Brasil em dois estádios: antes de Farias Brito e depois de Farias Brito. No dizer de Leonel Franca, "aparelhou-se para a sua função de escritor por uma leitura atenta, paciente e meditada de quase todos os que versaram o mesmo assunto nos últimos três séculos, sendo também certo que se orientou pela mais perfeita independência de espírito, sabendo por isso elevar-se acima de muitos preconceitos da filosofia moderna, ao fazer o exame e a crítica das várias correntes filosóficas". Faleceu em 16 de fevereiro de 1917.

Publicou, além de um livro de versos — *Cantos Modernos*, 1889, e uma *Pequena História* sobre os Fenícios e Hebreus, 1891; *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano*, 1895; *A Filosofia Moderna*, 1898; *Evolução e Relatividade*, 1905 — obras que formam a série *Finalidade do Mundo*; e *A Verdade como Regra das Ações*, 1905; *A Base Física do Espírito*, 1912; e *Mundo Interior*, 1914 — as quais formam a série *Ensaio Sobre a Filosofia do Espírito*.

4

VALDEMIRO CAVALCANTE, Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, em 19 de julho de 1891. Mas, ainda quartanista, foi nomeado Promotor Público de Icó, ali exercendo, paralelamente, as funções de Presidente da Câmara Municipal e de Inspetor Escolar. Em 1890 fora nomeado Secretário da Chefatura de Polícia (hoje, Diretor Geral). Deputado à Constituinte Estadual em 1891. Secretário de Justiça, logo após (1892), em substituição a Farias Brito. Renunciando ao mandato de Deputado, dedicou-se à advocacia e ao jornalismo. Fundou *Colibri* e *Filolitera*. Dirigiu o *Libertador* com Antônio